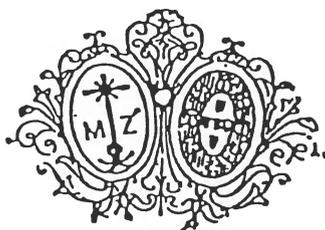


BOLETIM

INFORMATIVO

da

MISERICORDIA do SARDOAL



Irmandade
DA
Santa Casa da Misericórdia
DE
S A R D O A L

II

Publicação bimestral

A PALAVRA DO PROVEDOR

DIGNIFICAR A VIDA

Por força da nossa situação comunitária, somos confrontados diariamente com as situações mais diversas que nos causam graves problemas no nosso quotidiano.

Pelos motivos mais diversos, a família foi-se desmembrando, aldeias foram-se desertificando e, aqueles que por cá vão permanecendo, ficam sujeitos ao isolamento, à solidão e à falta de convívio que era norma quotidiana de há décadas atrás.

Perdido este elo de ligação fica, não raras vezes, o auxílio mútuo dos que, vergados ao peso dos anos, ainda se conseguem ajudar mutuamente, lutando para que não desapareçam de todo os laços que sempre foram o sinal de união entre gerações.

Nesta quadra, com a movimentação e vinda de férias de tantos naturais que se encontram por paragens diferentes, ainda parece que se vai recuperar os tempos de outrora, com as nossas aldeias povoadas de gente que, não raras vezes, quase já não têm laços afectivos bastantes para irem mais além.

Recuperar os tempos de outrora é tarefa quase impossível. Mas o que se pode e deve recuperar é o convívio, a partilha, o espaço de abertura aos mais isolados ou desprotegidos, que a soma dos anos foi deixando cada dia mais sós, dependendo da solidariedade e dos outros, tantas vezes tão dependentes quanto eles.

Que consigamos ter um pensamento de gratidão para eles e, se possível, arranjemos um momento de partilha, de troca de lembranças e de estímulo para alento dos mais carenciados desse afecto.

Faremos o nosso futuro de harmonia com o que quisermos que ele seja.

Anacleto Batista

ALMOS BOAS

Alguns Irmãos da nossa Santa Casa que vivem, intensa e apaixonadamente, os problemas desta Instituição, vêm dispondo, a favor da Misericórdia, da importância dos juros e prémios dos seus depósitos privados, em Instituições de Crédito.

Outros, por sua vez, dispensaram-nos por empréstimo, a tempo ilimitado, e sem quaisquer ónus ou encargos, importâncias significativas, para o nosso fundo-de-maneio.

A pedido expresso da maior parte, teremos de omitir os seus nomes, mas achamos de nosso dever imperioso dar público testemunho de tão belas provas de generosidade e Amor ao Próximo.

PARADOXOS

Muitas têm sido as ocasiões em que temos ouvido afirmações denegando as lares de idosos.

Ora, esta ideia tem uma razão de ser, se nos recordarmos desses antigos asilos, que mais não eram do que "guetos" para isolar idosos desamparados e indigentes, no tempo em que as famílias tratavam e acarinhavam os seus antepassados.

Assim, os asilos eram destinados aos indigentes, aos pobres, aos sem cira nem beira.

E hoje?

Esses lares são, ou devem ser, domicílios para os desamparados.

E quem são esses desamparados?

Os pobres, do mesmo modo, mas hoje mais protegidos por reformas de Segurança Social, mas que não têm quem trate deles. Os seus descendentes não têm casas para os albergar, formam agregados familiares em que todos trabalham e (ou muitas vezes) não estão preparados moral e socialmente para a "obrigação de tratar dos nossos ascendentes".

Em todos os casos, são um mal menor, porque, tendo deixado de ser "asilos", têm actualmente condições para se viver fins de vida com aconchego e certo conforto.

Bom é que assim seja. Normalmente, são idealizados por bons homens que também pensam que os lares devem ser como para si próprios.

Homens que se desprendem das suas próprias comodidades e se dedicam a estas cruzadas de bem fazer.

Só é pena que, muitas vezes, não tenham o reconhecimento dos outros homens, chegando, por vezes, raras, é certo, a ser objecto de invejas da importância de ser Provedor ou Mesário.

Mas como estes homens não estão à procura de benesses ou galardões honoríficos, lá vão, no anonimato, queimando dias e dias da sua vida a trabalhar pelos outros.

Outros que, também, às vezes, não sabem agradecer o bem que se lhes dá e (ou eles ou os seus familiares que não lhes deram carinho em vida) vêm exigir que no lar se lhes dê aquilo que não lhes quiseram dar em casa.

Enfim, contrastes da vida; hoje, nos tempos que vão correndo, mais salientes e mais contraditórios.

Mas também há os eternamente agradecidos, quer utentes, quer familiares, que sabem bem o valor e o "peso do meio cobertor que o pai, deixado no monte, deu ao filho que o lá foi deixar".

Mário de Azevedo

Com a devida vénia,

de "A Voz das Misericórdias"

...do SARDOAL antigo Um caso estranho!

I

Numa obra de grande fôlego, sobre o culto mariano em Portugal, aparecida em 1720 e da autoria de Frei Agostinho de Santa Maria fazem-se várias referências, mais ou menos alongadas, sobre o culto de Nossa Senhora no concelho de Sar- doal, nomeadamente quanto a Santa Maria da Caridade (Vila), Nossa Senhora da Graça (Valhas- cos) e Nossa Senhora da Lapa (Cabeça das Mós).

Todos esses extractos foram publicados oportu- namente em diversos nos. do nosso Boletim, com algumas anotações complementares e explicativas.

Aquele frade-historiador deve ter feito mi- lhares de fichas com as descrições informativas de todos os párocos-arciprestes que responderam ao seu longo questionário e é bem de imaginar todo o seu trabalho e canseira para poder reunir tanta documentação, numa altura em que os ser- viços dos correios tinham pouca mobilidade e di- fusão e só com trabalhosas dificuldades pene- travam nos mais recônditos e afastados meios ur- banos.

Mas, apesar de tudo a obra veio a lume e nos seus sete volumes é um repositório admirá- vel da grande devoção que o povo português tem tido sempre para com Nossa Senhora.

Hoje, porém, quereríamos referir-nos, ape- nas e só, a um singular acontecimento sucedido com os frades do Convento de Santa Maria da Caridade de Sar doal, sensivelmente pelos anos de 1600 -dado que, não muitos tempos decorridos, os estatutos da Ordem substituíam o regime de mendicância, que fora apanágio daqueles frades.

Dá-se, pois, a palavra ao referido cronis- ta, respeitando-se, no entanto, e sempre que possível, a construção sintáctica do seu estilo e a terminologia própria da época:

“Acima da Vila de Abrantes se vê a Vila do Sar doal, pequena povoação, de gente pia e devota.

Junto à Vila fica, em sítio alto e des- coberto a todos os ventos e com boa vista pa- ra o Tejo, um convento de Religiosos, fun- dado naquele lugar pelo ano de 1571.

Havia já, nesse mesmo sítio, uma devota Ermida dedicada a Nossa Senhora, com o título da Caridade, invocação que os religiosos tam- bém impuseram ao Convento. Foi sempre esta ermida o Santuário mais célebre e da maior devoção que havia por aqueles arredores e, por isso mesmo, eram nele as romagens con- tínuas. Daí que, recebiam todos da liberal mão daquela soberana Mãe da Caridade muitos e grandes favores.

Uma notável maravilha, assim acontecida, refere o cronista da Província da Piedade (frei Manuel de Monforte) a qual se reproduz seguidamente.

Foi o caso que, saindo os Religiosos, a pedir a sua costumada esmola de pão, se di- rigiram certo dia a um lugar chamado Valhas- cos, a pouco mais de meia légua do Sar doal, onde eram certos de quinze em quinze dias.

Chegados à porta de um Irmão Terceiro de S. Francisco, que era grande amigo dos frades e muito devoto da Senhora da Caridade, cha- mado João Gonçalves, mandou este à mulher que desse a esmola que era hábito dar aos fra- des, nessa segunda-feira alternada do seu pe- ditório. Ela, já por não ser muito devota, já ainda por não ter pão para o todo o resto da semana, porque tendo feito a amassadura no sá- bado anterior logo no domingo a seguir ti- vera hóspedes (=visitas) que pouco lhe havia deixado para o resto da semana, quis escusa- -se a cumprir esse desejo do marido.

.....”

MB-

(Continua no próximo número)

Igreja da MISERICÓRDIA

Este belo templo de traça manuelina, junto do qual funcionou o Hospital da nossa Santa Casa durante cerca de 350 anos, até meados de 1850, continua a ser visitado por bastantes estudiosos e cultores de Arte.

Com efeito, a notável Igreja, resultante da readaptação bastante ampliada de uma antiga ca- pela, mandada construir por D. Fernando I, rece- beu grandes transformações nos princípios do sec. XVI -e nela estão patentes variados motivos escultóricos da arte manuelina.

As inclemências dos tempos hão marcado for- temente alguns desses belos lavrados arquitec- tónicos, mas a pintura e a azulejaria do inter- ior, dos anos de 1700, têm podido manter-se com pequenas alterações. Mesmo assim, não dis- pensam, porém, uma permanente e cuidada aten- ção, porque o rolar dos séculos não perdoa.

De há muito que se vem aguardando um inte- resse mais destacado por parte dos Monumentos Nacionais mas, às muitas insistências feitas nesse sentido, a resposta não tem passado de promessas... e mais promessas.

As Bem-aventuranças dos avós

- Bem-aventurados os que respeitam os meus pés deformados e as minhas mãos paralisadas.
- Bem-aventurados os que compreendem o esforço que os ouvidos têm de fazer para perceber as suas palavras.
- Bem-aventurados os que mostram que a minha vista já está confusa e o meu pensa- mento vagaroso.
- Bem-aventurados os que, com um sorriso, me dão algum do seu tempo para conversar comigo.
- Bem-aventurados os que nunca me dizem: “é já a terceira vez que me conta essa história.”
- Bem-aventurados os que sabem levar-me a evocar recordações dos tempos passados.
- Bem-aventurados os que me lembram que me amam e que não estou abandonado.
- Bem-aventurados os que, pela sua bon- dade, tornam mais leves os dias que me separam da minha chegada à pátria eterna.
- Bem-aventurados sejam todos os que nos ajudam e nos amam.



NÃO FUME
PELA SUA SAÚDE

A CRECHE

A CRECHE da Santa Casa, que a nossa Misericórdia em boa hora veio a abrir ao público do Concelho, revelou-se, desde logo, uma unidade de apoio social de largo alcance. De tal maneira, até, que a breve trecho tinha a sua lotação completa.

Depois de muita insistência junto das Entidades Superiores que tutelam o assunto e feitas, ainda, mais obras de readaptação, veio autorizada a valência completa, que foi a do JARDIM DE INFANCIA, destinado a crianças mais pequenas. E o êxito também foi total, pois todas as vagas logo se preencheram, pouco tempo após.

Estes simples pormenores são, afinal, uma afirmação peremptória do agrado de todo este povo pela facilitação que se abriu, assim, a muitas famílias, de passarem a ter onde deixar os seus filhos -bem entregues e tratados com todo o cuidado, desvelo e atenção.

Alteração de trânsito na vila de Sardeal

1. O trânsito na Rua 5 de Outubro passou a efectuar-se apenas no sentido ascendente, de modo a garantir-lhe mais rápida fluidez e, ao mesmo tempo, trazer uma segurança maior aos peões.
2. À Rua Cónego Silva Martins foi atribuído, apenas e só, o sentido descendente.

Estas alterações, já postas em prática, tiveram o melhor acolhimento por parte de toda a população -que há muito ansiava, aliás, pelo interesse directo da Camara, no sentido de obviar à dificuldade de escoamento do numeroso tráfego, que atravessava a principal Avenida da terra.

Em complemento deste Aviso indicativo, refira-se, ainda, que a Camara Municipal tornou a insistir junto do Instituto de Estradas de Portugal no sentido de ser revista a má sinalização dos acessos à nossa Vila nos cruzamentos da Estrada Nacional nº 2. Com efeito, a sua deficiente colocação e a má visibilidade das placas indicadoras têm sido causa de bastantes acidentes, alguns com graves consequências.

Trata-se de uma obra relativamente simples e de pouca complexidade. Só que a Camara não está autorizada a fazê-la e a Entidade à qual compete a sua resolução vai adiando, adiando... E os desastres vão acontecendo, acontecendo...

BENFEITORES 1999

(ordem de entrada)

Maria Alice Cardoso	5.000.00
Porfírio & Silva, Lda.	7.500.00
Alice Filipe dos Santos	3.500.00
Abel Martins deOliveira Reis	3.800.00
Rosa Marques	1.400.00
Laura Alves do Rosário	1.00.00
Maria Celeste Marques Neto	2.000.00
Guilhermina Antónia Horta	5.000.00
Américo Lobato Leitão	17.000.00
Manuel Pires de Oliveira	4.100.00
Maria dos Prazeres Rufino Marques	25.000.00
Maria da Graça Raposo	51.800.00
Celestino Marques Miguel	20.000.00
Luis António de Matos Cadete	3.000.00
Revº Dr. Manuel Rodrigues Vermelho	2.750.00
João Fernandes	10.000.00
António Moleirinho Marçal	5.000.00
Maria Teresa Martins Cascalheira	50.000.00
Júlio Pedro	10.000.00
Armando Navalho	2.000.00
Maria Ilda da Silva Oliveira	60.000.00
Luis Manuel Martins Cascalheira	12.000.00
António Dias Pereira (Almada)	100.000.00
Manuel Augusto Inácio	12.000.00
Ezequiel Cunha Anjos	100.000.00
Prof. Américo Corda Falcão	50.000.00
Eduardo Correia Pires Coelho	10.000.00
Anónimo (habitual)	120.000.00

E AINDA...

Além desta dádivas em numerário, também outros Irmãos e Amigos da Santa Casa nos trouxeram espontaneamente outros contributos pessoais de diversa natureza, desde material de enfermaria e de apoio a convalescentes e idosos com dificuldades locomotoras a produtos de alimentação, tais como legumes e carnes, artigos de mercearia, azeite, vinho de pasto, etc.

Igualmente anotámos roupas novas ou em bom estado, assim como peças de vestuário para os dois sexos.

Que todos BEM-HAJAM!

Em futuros nos. do nosso Boletim procuraremos dar nota desses ofertantes que têm sempre, também, os olhos postos na nossa MISERICÓRDIA.

boletim informativo da Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

Director: Anacleto da Silva Baptista

Edição e Propriedade: Santa Casa da Misericórdia de SARDOAL

2230 SARDOAL

Depósito Legal nº 24.707/88